

## **As expressões de corporalidades subjetivas e coletivas em um *mocambo* baiano<sup>1</sup>**

**Marcus Vinicius Araújo Ávila<sup>2</sup>**  
**Lívia Alessandra Fialho da Costa<sup>3</sup>**

Este trabalho apresenta uma discussão fundamentada em um diálogo entre as teorias no campo das corporalidades com os dados coletados durante uma investigação de mestrado intitulada de “Corporalidades e Memória Lúdica: um estudo sobre educação e expressões culturais numa comunidade negra rural da Bahia”, apresentada a Universidade do Estado da Bahia-UNEB ao Departamento de Educação no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, PPGEDUC na linha de pesquisa: Processos, Civilizatórios, Educação, Memória e Pluralidade Cultural.

Os dados foram levantados a partir de uma pesquisa de campo com inspiração etnográfica realizada em duas comunidades de quilombos ou quilombolas ainda não demarcadas pelos órgãos oficiais, por isso identificamos o território sob a terminologia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 08 - Corpo e Educação: formação docente para as ausências e para as emergências das populações afro-brasileiras.

<sup>2</sup> Professor Dedicção Exclusiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdade de Ciências Educacionais (FACE). Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua nas áreas de Educação, Educação Física com os temas: Educação, Corporalidades, Estudos Decoloniais. [avilafitness@yahoo.com.br](mailto:avilafitness@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Professora Adjunto do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Possui Pós- doutorado pela *Université Paris 13*. Doutora e mestre em Antropologia Social e Etnologia pela *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua nas áreas de Ciências Sociais, Antropologia e Educação com os temas: Educação, Escola, Família, Religião, Protestantismo e Conversão. [fialho2021@gmail.com](mailto:fialho2021@gmail.com)

banta de *mocambo* que significa terra de pretos. Os *Mocambos* estudados foram as comunidades do Tombador II e de Bernardo de Lapa, localizadas no Vale do Jiquiriçá, na porção oeste do município de Valença, Bahia, a 128 km da capital Salvador. Durante noventa dias de convivência entre os meses de janeiro a abril de 2015, somando 453 horas de observação participante, buscando dar escuta as diferentes formas de expressão do corpo humano, através da corporeidade, foram realizadas anotações sistematizadas em categorias emergentes no diário de campo confrontadas com a teoria.

Em *La production du corps*, coletânea que reúne textos do colóquio *Le corps humain*, Godelier e Panoff (1998) oferecem uma base ampla de compreensão dos elementos implicados quando o tema é o ‘corpo humano’. Primeira assertiva a ser considerada é que o corpo é uma produção. Mais do que isso, essa mesma produção é objeto de uma representação. É nesse sentido que a expressão ‘fabricação do corpo’ – fabricação de um homem e de uma mulher – ganha sentido para o conjunto de escritos em antropologia que tratam do simbolismo do corpo. Muito já se produziu sobre a modelagem física, moral, social e histórica do corpo (Foucault 1996; Elias 1993; dentre outros). Ao corpo já se uniram muitos adjetivos, tornando-o possuído, canibalizado, sacrificado, não porque ele seja um simples instrumento de reprodução da ordem social, mas um recurso à subversão ou restabelecimento de uma ordem (Godelier e Panoff, 1998). O corpo está assim presente como objeto da antropologia nas teorias dos símbolos, na discussão sobre linguagem e mito, na relação do estruturalismo com a psicanálise, na compreensão dos ritos de passagem, no lugar dos símbolos privados e da comunicação não-verbal, na discussão sobre o simbolismo da alimentação, do disciplinamento, poder e da morte. A cada possibilidade de apreensão abre-se um campo teórico, transdisciplinar, uma construção abstrata que mescla explicações do terreno dos estados de consciência às diferentes formas de escuta do corpo humano ou de sua associação às contradições sociais que o supervaloriza ou o constrange como objeto e valor de mercado sujeitando-o à cultura do consumo. O corpo, visto sob este prisma, assume não só o papel de objeto de relações de poder político-religiosas, mas também o

papel de difusor de símbolos e de distinções, incitando o consumo e revelando posições e gostos de classe e geração.

No final da primeira metade do século XX, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) escreveu a fenomenologia da percepção onde retomava uma discussão antiga na história da filosofia que busca compreender a relação entre o corpo e a alma, consciência e mundo, homem e natureza. Segundo o autor, os estudos no campo do corpo eram dirigidos basicamente à compreensão do espaço ou da coisa percebida, nesse sentido, não era fácil redescobrir a relação entre o sujeito encarnado e o seu mundo, pois esta se transforma por si mesma no puro comércio entre o sujeito epistemológico e o objeto.

Não se pode compreender o ser humano a partir da dicotomia entre alma e corpo, bem como, a existência de outras dicotomias como a consciência e o mundo, ou mesmo entre o sujeito e o objeto. O corpo não é um lugar de dissidências, mas de convergências, de produção de sentidos e não de verdades dogmáticas. Assim a corporeidade é entendida como a expressão da alma e do corpo o que encerra por denotar que os corpos buscam o prazer, a ludicidade, sustentado no princípio de EROS.

O corpo deve ser estudado pela sua expressão e significação, e não simplesmente a partir das relações entre o corpo e o psiquismo. O seu papel fundamental na construção dos sentidos está na sua capacidade de metamorfose, ou seja, de transformar ideias em coisas e vice versa como um coração pulsante numa sístole se contrai absorvendo o mundo através dos sentidos e numa diástole se expandindo para o mundo mesclando-se ao mesmo criando novas formas de ser.

Portanto o corpo é produto e produtor da cultura, pois se comunica e recebe e incorpora mensagens, tradições, verdades e mentiras. A partir desse pensamento, compreende-se que a ciência deve estar sempre a serviço da elucidação das condições da existência humana e a tarefa da filosofia à luz da razão teórica é a de buscar a verdade e a luz da razão na prática. Tudo isso perpassa pela busca do bem e da felicidade, tanto na dimensão pessoal, quanto na dimensão social e cultural da vida humana, revelando,

assim, a necessidade da ludicidade como elemento da condição humana como busca da satisfação ou bem estar.

Produzir uma reflexão sobre o corpo é assumir, antes de mais nada, um solo de inteligibilidade sobre o mesmo. É torná-lo possível como objeto, inscrevendo-o, antes, teórico-epistemologicamente do que reduzi-lo à explicação da sua sócio-historicidade. O corpo é a aliança entre a natureza e a cultura. É pela sexualidade, antes de mais nada, que os corpos se diferenciam : ter vagina ou ter pênis, produzir leite e sangue menstrual ou produzir esperma é o que motiva a *trama* cultural. Bem entendido, o imaginário e as definições de *pessoa* numa determinada sociedade dão o tom destas diferenças – negando-as ou supervalorizando-as, tornando-as motivos de classificação, hierarquia ou razão de cuidado.

Analisar a fabricação dos corpos significa procurar uma explicação para os vários mecanismos e experiências que desempenham um papel importante na constituição das identidades. O corpo em todo Vale do Jiquiriçá e, em especial, nas comunidades do Tombador II e Bernardo de Lapa é predominantemente negro, com tons variados com destaque para um tom de preto reluzente com brilhos vermelhos e tons de anil que chamamos de preto arco-íris. O corpo ali, apesar de carregar marcas do racismo e de outros preconceitos, como o fato de serem trabalhadores rurais e terem baixo índice de escolaridade, é um *espaço* de prazer e de ludicidade, sobretudo de exercício de uma estética de alteridade que não se encerra somente no Outro, mas na coletividade dos corpos num movimento de despojamento social – no sentido de se fazer e parecer ser, de fato, avessos aos enquadramentos ou constrangimentos gerais dos corpos. As pessoas se cumprimentam com respeito, mas sobretudo com afeto, se abraçam se tocam, os mais novos pedem bênçãos aos mais velhos e os mais velhos abraçam e abençoam todos. As pessoas se tocam independente do gênero, pais beijam seus filhos e vice versa. Com desenvoltura e naturalidade, crianças se deitam e sentam no colo dos “estranhos”, como pudemos observar durante o trabalho de campo: curiosas com relação ao porquê da

presença de estranhos na região, as crianças costumam chamar os visitantes de tio e tocar a pessoas, beijá-las, tão habituadas ao afeto dos seus parentes.

O lúdico e o afeto foram eleitos como categorias operativas para interpretação do que significa “estar naquela comunidade” e “ser negro”. A coleta de dados baseava-se neste princípio orientador. Interessou-nos menos o afeto enquanto tal, mas sim a forma de “afetar-se” e “sentir-se afetado” pelo Outro. Entendemos a expressão do lúdico para além da compreensão do universo de Johan Huizinga, mas como uma manifestação do princípio civilizatório de Eros desenvolvido por Hebert Marcuse aqui simplificado como alegria de viver. Para isso, se faz necessário pensarmos em uma sociedade com outros formatos civilizatórios não repreensivos da libido humana. Um conceito de civilidade construído sobre os pilares equidade entre os sujeitos, alteridade e vida comunitária, permitindo a emancipação dos corpos. Uma vez que compreendemos que a ludicidade tem uma relação direta com a consciência humana, se faz imprescindível buscarmos mecanismos para se entender a ludicidade na relação dialética entre as subjetividades e o espaço quilombo ou *mocambo* (terra de pretos).

Seus corpos são esculpidos e lapidados pela vida dura de trabalhadores rurais, a beleza lá é algo natural, mas sobretudo, tudo aquilo que reflete na personalidade e no modo de agir e viver das pessoas. O corpo é somente uma espécie de invólucro da alma. Experimentam os seus corpo no dia-a-dia no contato com a natureza e com os outros corpos. São acima de tudo, um povo brincante, lúdico, encaram a vida com leveza e mesmo diante das tragédias seguem em frente. No Jiquiriçá os corpos se relacionam, interagem, se tocam, produzindo sentidos para além do juízo de pudores herdados dos europeus. Um dia andando de ônibus comecei a observar o senso de proxêmica daquelas pessoas. A comunicação proxêmica está apoiada numa espécie de jogo linguístico sem palavras constitui o espaço das distâncias e das proximidades entre as pessoas em um determinado local. Segundo muitos estudiosos da comunicação não-verbal, ela revela como nos colocamos e nos movemos em relação aos outros, como gerimos e ocupamos o espaço ao nosso redor. Esta relação simbólica estabelece a distância espacial entre as

peessoas, a orientação espacial do corpo e da face, a forma como as pessoas se tocam ou evitam tocar-se.

Nos paus-de-arara, caminhão usado como meio de transporte coletivo, as pessoas parecem invadir o espaço das outras: mulheres, homens e crianças passavam roçando o corpo inteiro, mesmo havendo espaço para se evitar o contato, e de maneira perfeitamente natural, sem pudores, sem maldade. Mesmo os evangélicos – cujos constrangimentos religiosos no que se refere à exposição e contato corporal são bem marcados – parecem alheios a esse entendimento: com suas roupas tradicionais não hesitavam em colocar coxas espremidas umas contra as outras dos passageiros nos bancos dos ônibus procurando uma posição mais confortável para a viagem.

Os dados da pesquisa de campo contribuíram para demonstrar como a corporeidade numa comunidade negra e rural da Bahia é construída a partir de princípios civilizatórios divergentes do eurocentrismo sobretudo da coisificação do corpo típica da sociedade de consumo. Olhando para os modos culturais de interação entre as pessoas – e utilizando, para isso, uma compreensão ancorada nas expressões socioculturais dos corpos – na comunidade rural negra do Tombador II, observamos peculiaridades que servem a uma compreensão dos modos de viver e de se fazer presente de uma população. A relação entre as pessoas passa por uma expressão lúdica que permite o toque, o afeto e a proximidade como elementos essenciais da comunicação.

Compreendendo que o corpo é o lugar e o veículo de crenças, doutrinas e práticas rituais, resta-nos pensar como isso se elabora no processo complexo de construção das identidades sociais. Menos do que uma resposta à amplitude desta questão, interessou-nos aqui refletir, brevemente, a partir da questão específica da relação identidade- ludicidade, sobre como o corpo pode servir de recurso à compreensão das produções de si, acontecimento relacionado a um processo de identificação/identidade e através de uma consciência ética/estética do seu valor.

### Referências bibliográficas

COSTA, Jurandir Freire. *Da cor ao corpo: a violência do racismo*. In SOUZA, Neusa. Tornar-se negro, (prefácio) Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GODELIER, Maurice & PANOFF, Michel (orgs.). *La production du corps: approches anthropologiques et historiques*. Amsterdam : Éditions des Archives Contemporains, 1998.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MARCUSE, Hebert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2006.